

# *Diversidade* **Linguística** na Escola Portuguesa

**Projecto *Diversidade Linguística na Escola Portuguesa*  
(ILTEC)**

## Compreensão do Oral

Com o teste de **compreensão do oral** pretendemos avaliar a capacidade de os alunos extraírem informações essenciais a partir do discurso falado.

Na concepção dos materiais, seleccionámos quatro pequenos vídeos, com uma duração máxima de dois minutos. Optámos por usar vídeos, dado que apresentavam um conjunto interessante de vantagens. Em primeiro lugar, permitem que todos os alunos sejam expostos a estímulos idênticos, reduzindo-se assim o número de variáveis não controláveis. Em segundo lugar, havendo uma componente visual, torna-se mais fácil captar o interesse do informante e fazer com que recorra à associação de ideias se o seu domínio lexical for insuficiente, se tiver dificuldade em memorizar as acções de forma isolada ou se tiver dificuldade em compreender o registo dos falantes. Uma última razão que nos levou a usar vídeos para a execução desta tarefa foi a possibilidade que oferecem de avaliar a compreensão de informação implícita.

Os vídeos seleccionados foram: dois excertos gravados de um episódio da telenovela *Morangos com Açúcar* da TVI (a que chamámos Pequeno-almoço A e Pequeno-almoço B, respectivamente), um anúncio de televisão da *CP* e outro da *Chupa Chups*. Os quatro vídeos foram seleccionados de acordo com diferentes graus de complexidade no que se refere ao conteúdo.

O primeiro excerto da telenovela contém informação mais simples, ao passo que o segundo exige que os alunos dêem uma resposta mais descritiva. Nos anúncios de televisão, um assenta em informações explícitas e é dirigido especificamente às crianças (*Chupa Chups*), enquanto o outro se baseia em informações implícitas (*CP*). A propósito de cada um dos vídeos foram feitas perguntas com o objectivo de avaliar o nível de compreensão oral dos alunos.

Este teste foi aplicado a cem alunos (cinquenta do 4.º ano e cinquenta do 6.º). Os vídeos foram apresentados no computador e cada um deles foi mostrado duas vezes a cada aluno. As perguntas foram feitas logo após a exibição do vídeo, só se passando ao vídeo seguinte depois de os alunos terem respondido a todas as perguntas de um mesmo grupo. Quando os alunos não compreendiam uma pergunta tal como constava do enunciado, cabia ao investigador parafraseá-la. As respostas foram gravadas, uma vez que eram muito variáveis em conteúdo e extensão.

## Resultados

Para percebermos se os alunos compreenderam ou não os vídeos verificámos as respostas que deram, por contraponto com aquilo que era esperado. Para cada resposta definimos três níveis: **resposta errada** (aqui incluímos também as não-respostas ou as respostas em que os alunos respondem “Não sei”), **resposta incompleta** e **resposta certa**.

A nossa análise vai cingir-se sobretudo às respostas erradas, uma vez que são estas que mostram que os alunos não conseguiram extrair as informações consideradas essenciais de determinado vídeo ou parte dele. Acrescentaremos informação sobre as respostas incompletas sempre que, pelo seu número elevado, se mostrem necessárias para percebermos qual foi a informação a que os alunos deram mais atenção.

## Dados Gerais

Tomemos os números obtidos na sua generalidade. Houve um total de 336 respostas erradas às perguntas que fizemos, o que corresponde a cerca de 24% do total de respostas esperadas. Se distribuirmos o número total de respostas erradas pelas línguas de origem dos alunos e pelo ano de escolaridade, verificamos algumas diferenças interessantes, que estão resumidas no quadro abaixo:

Total de respostas erradas por língua e ano de escolaridade:

	PT	CV	UCR	GUZ	MAN	Total
4.º Ano	14	30	43	49	57	193
6.º Ano	8	24	27	33	51	143
Total	22	54	70	83	108	336

Verificamos, por exemplo, que para todas as línguas o número de respostas erradas é mais baixo no 6.º ano do que no 4.º. Não é uma surpresa que tal aconteça. Os alunos do 6.º ano são mais velhos, têm um maior desenvolvimento cognitivo que lhes permite não só compreender ideias mais abstractas, mas também ter uma maior capacidade para relacionar conceitos, acontecimentos ou dizeres. Por outro lado, são mais expostos quer na escola quer (em alguns casos) fora dela a tipos de texto e de informação que os põem em contacto com um vocabulário mais alargado, o que lhes vai permitir um melhor reconhecimento de palavras menos frequentes.

Podemos ver também que há uma diferença muito evidente entre os resultados obtidos pelo grupo de alunos que têm o Português como língua materna e os grupos de alunos que não têm o Português como língua materna. O grupo de alunos que têm o Mandarim como língua materna foi nitidamente o que teve mais dificuldades nas respostas às perguntas que fizemos. Seguem-se os grupos de Guzerate, Ucraniano e Cabo-verdiano, embora com diferenças notáveis entre si. O grupo que tem o Português como língua materna é o que regista menos respostas erradas.

Observemos os dados com mais pormenor, considerando os vídeos individualmente:

### **Anúncio da *Chupa Chups***

O anúncio da *Chupa Chups* é um anúncio especificamente dirigido a crianças, que trata de algo que elas conhecem. É falado na segunda pessoa e tem um vocabulário acessível, embora na descrição do recheio tenha palavras mais difíceis, como são “polpa”, “enriquecida” e a própria palavra “recheio”. No entanto, toda esta descrição é acompanhada por imagens, o que pode ajudar os alunos na compreensão do conteúdo. O texto do anúncio da *Chupa Chups* é o seguinte:

***Menino:*** *Tenho fome!*

***Mãe:*** *Tens de comer algo, toma um cuore de frutta.*

***Voz-off:*** *Apresentamos o novo Cuore de Frutta, o novo chupa da Chupa Chups, que te permite primeiro chupar e depois morder. Porque Cuore de Frutta tem um delicioso recheio de caramelo macio com polpa de fruta enriquecida com vitamina C. Para que possas primeiro chupar e depois morder. Novo Cuore de Frutta da Chupa Chups, primeiro chupas e depois mordes.*

As perguntas feitas aos alunos foram:

1. O que é que ele vai comer?
2. O que podes fazer com o novo chupa?
3. Qual é o recheio?

São perguntas directas que podem ser respondidas com palavras ou frases ditas pelos intervenientes do anúncio. O quadro abaixo indica quantos alunos deram uma resposta errada em cada pergunta, distribuídos por língua e por ano de escolaridade:

Anúncio do Chupa, respostas erradas:

Perguntas	4.º Ano – 50 alunos						6.º Ano – 50 alunos						Total 4.º e 6.º
	PT	CV	UCR	GUZ	MAN	Total	PT	CV	UCR	GUZ	MAN	Total	
1. <sup>a</sup>	-	1	-	-	1	<b>2</b>	-	-	-	1	-	<b>1</b>	<b>3</b>
2. <sup>a</sup>	-	1	1	1	4	<b>7</b>	-	-	-	1	1	<b>2</b>	<b>9</b>
3. <sup>a</sup>	-	1	1	3	-	<b>5</b>	-	3	-	3	1	<b>7</b>	<b>12</b>
Total	-	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>14</b>	-	<b>3</b>	-	<b>5</b>	<b>2</b>	<b>10</b>	<b>24</b>

O número de respostas erradas é baixo. Não houve mais do que cinco alunos de uma mesma língua e do mesmo ano a errar a mesma pergunta.

A resposta esperada à primeira pergunta era “um chupa” ou “chupa”. Houve, no entanto, três alunos que responderam de forma diferente: um aluno disse “Bombom” e dois que responderam “Donuts”.

Para a segunda pergunta esperávamos uma resposta como “primeiro chupar e depois morder”. Dos nove alunos que deram uma resposta incorrecta, quatro disseram simplesmente “comer” e cinco não tentaram sequer responder.

Como resposta à terceira pergunta pretendíamos algo como “caramelo macio com polpa de fruta enriquecida com vitamina C”. As palavras-chave aqui são “caramelo”, “polpa de fruta” e “vitamina C”. Além disso, no fim do anúncio aparecem imagens de laranjas a acompanhar o chupa, pelo que seria de esperar que muitos alunos as mencionassem. As respostas dos alunos raramente foram tão completas, mas aceitávamos como correctas as respostas que referissem pelo menos dois destes elementos que compõem o recheio. Também esta pergunta não deu azo a grande número de respostas erradas — houve apenas doze. Destes doze alunos que deram respostas inadequadas, nove indicaram um fruto diferente da laranja: sete disseram “pêssego”, um, “manga” e outro, “limão”. Pode, por isso, ter-se dado o caso de os alunos terem confundido a imagem das laranjas que aparecem no vídeo com qualquer um destes outros frutos, o que significará que não se trata de um problema de compreensão oral, mas antes de acuidade/percepção visual. Os restantes três alunos não tentaram responder: um disse que não se lembrava, outro que não tinha percebido e outro não deu qualquer resposta.

É de referir, porém, o facto de a formulação da terceira pergunta nem sempre ter sido compreendida no primeiro momento pelos alunos. Por diversas vezes foi necessário que o entrevistador parafraseasse a pergunta. Em vez de dizer “Qual é o recheio?” dizia “O que é que tem dentro do chupa” ou “De que é composto?” para que o aluno a compreendesse. Esse dado

leva-nos a supor que estes alunos poderão também não ter percebido a palavra “recheio” quando esta foi referida no vídeo na frase “Porque *Cuore de Frutta* tem um delicioso **recheio** de caramelo macio com polpa de fruta enriquecida com vitamina C.”. Tal facto poderá ter sido também a razão pela qual alguns dos alunos não arriscaram dar uma resposta.

Por outro lado, não podemos deixar de salientar o elevado número de respostas incompletas a esta pergunta. De facto, apesar de não as termos considerado erradas, houve quarenta e nove alunos cuja resposta à pergunta foi a referência a apenas um dos componentes. Destes, vinte e seis responderam apenas “laranja” (claramente a resposta mais frequente), oito responderam somente “caramelo” e cinco mencionaram unicamente “vitamina C”. Houve ainda outras respostas menos frequentes como: “fruta” (3), “coisa com fruta/laranja” (3), “creme” (2), “polpa de fruta” (1) e “polpa” (1).

### **Anúncio da CP**

Ao contrário do Anúncio da *Chupa Chups*, o Anúncio da CP que mostrámos aos alunos é dirigido a um público adulto. O vocabulário é, no entanto, relativamente simples e o texto é curto, pelo que a quantidade de informação a guardar na memória não é em demasia. Por outro lado, o jogo entre o texto falado e as imagens é um pouco menos explícito – o aluno tem de relacionar os caracóis do anúncio com os carros na estrada e fazer a associação entre lentidão e caracol. O texto do anúncio da CP é o seguinte:

*Diariamente você passa em média duas horas ao volante. Numa semana são dez horas, num mês são quarenta horas, ao fim de um ano você passou quatrocentas e oitenta horas ao volante, grande parte delas parado. Não acha que podia aproveitar melhor o seu tempo? CP, nós damos-lhe tempo.*

As perguntas que fizemos aos alunos foram:

1. Segundo o anúncio, os portugueses passam muito ou pouco tempo ao volante?
2. Como é que os portugueses poderiam aproveitar melhor o seu tempo?
3. Os caracóis estão a representar o quê?
4. O que quer dizer “andar a passo de caracol”?

Para responder a estas perguntas os alunos tinham de fazer inferências simples uma vez que a resposta não está dada literalmente no texto. Como era esperado, sentiram mais dificuldades em

responder a estas perguntas do que às do anúncio da *Chupa Chups*. Veja-se o quadro com o número de respostas consideradas inadequadas:

Anúncio da CP, respostas erradas:

Perguntas	4.º Ano – 50 alunos						6.º Ano – 50 alunos						Total 4.º e 6.º
	PT	CV	UCR	GUZ	MAN	Total	PT	CV	UCR	GUZ	MAN	Total	
1. <sup>a</sup>	-	2	1	1	3	7	-	1	2	-	3	6	13
2. <sup>a</sup>	2	3	4	9	6	24	-	4	3	4	8	19	43
3. <sup>a</sup>	1	1	3	3	6	14	-	-	-	-	4	4	18
4. <sup>a</sup>	-	1	4	5	4	14	-	1	-	1	2	4	18
Total	3	7	12	18	19	59	-	6	5	5	17	33	92

A primeira pergunta foi a que gerou menos dificuldade de resposta. A resposta esperada era “muito”. Dos treze alunos que deram uma resposta diferente, oito disseram “pouco” e três disseram um número de horas. Houve ainda um aluno que respondeu “não passam muito” e outro que tentou explicar todo o anúncio não respondendo especificamente à pergunta.

À 2.<sup>a</sup> pergunta, quarenta e três alunos responderam erradamente. A diferença em relação às outras perguntas é muito clara, facto que merece que nos detenhamos um pouco na procura de uma explicação.

A pergunta *Como é que os portugueses poderiam aproveitar melhor o seu tempo?* não tem uma resposta completamente explícita no vídeo. A resposta esperada seria qualquer coisa como “andando de comboio” ou mais especificamente até “andando nos comboios da CP”. No entanto, no texto do anúncio esta relação entre aproveitar melhor o tempo e usar o comboio não está verbalmente explícita. O anúncio diz simplesmente “*Não acha que podia aproveitar melhor o seu tempo? CP, nós damos-lhe tempo.*” Há uma pausa entre a pergunta e a frase subsequente, sendo que a única coisa que liga as duas frases é a palavra “tempo”.

Porém, a informação não é apenas oral, há também informação visual. No fim do vídeo os alunos podiam ver um comboio a passar a grande velocidade perante a admiração dos lentos caracóis. Além disso, a frase “CP, nós damos-lhe tempo” aparece escrita no ecrã ao mesmo tempo que é dita pelo locutor.

Nas respostas dadas pelos alunos verificámos (como foi dito atrás) que quarenta e três alunos responderam erradamente ou não responderam a esta pergunta. Destes, dezasseis dizem não saber responder à pergunta, e sete não dão qualquer resposta. Assim, podemos verificar que mais de metade (53%) dos alunos que deram uma resposta errada não tentou sequer responder. Dos que tentam responder, nove dizem outro meio de locomoção (de carro, de bicicleta, de autocarro, a pé). Convém notar que a resposta dada desta forma não é errada em si. A associação de ideias que estes alunos fazem é plausível – as pessoas perdem tempo no automóvel, por isso é melhor usar outro meio de locomoção. A resposta foi considerada inapropriada por não estar conforme o anúncio. A mensagem é “Deixe de usar o automóvel, use o comboio”. Portanto, seria *comboio* a resposta que mais cabalmente responderia à pergunta. Aquilo que parece acontecer neste caso é que os alunos dão uma opinião, não respondendo directamente ao que lhes é perguntado segundo o anúncio.

Houve também sete alunos que indicaram um número de horas (uma hora, duas horas, dez horas, etc.), o que parece sugerir que não perceberam a pergunta.

O facto de não perceberem a pergunta “Como é que o portugueses podiam aproveitar melhor o seu tempo?” pode dever-se ao uso da palavra “aproveitar” na sua formulação. Se assim for, é possível que também não tenham percebido a parte do texto em que este verbo é usado: “Não acha que podia **aproveitar** melhor o seu tempo?”. Esta assunção é justificada por ter havido casos em que o entrevistador foi obrigado a reformular a pergunta para que o aluno a compreendesse e pudesse posteriormente responder. Repare-se, por exemplo, na seguinte resposta de uma aluna ucraniana do 4.º ano:

*investigador: E como é que eles podiam aproveitar melhor o tempo?*

*aluna: Quarenta.*

*investigador: Aproveitar melhor, eles passam muito tempo ao volante, não é?*

*Passam muitas horas.*

*aluna: Sim.*

*investigador: Nessas horas eles podiam fazer outras coisas, não é?*

*aluna: Sim.*

*investigador: Como é que eles podiam ficar com essas horas mais livres?*

*aluna: eh Andar no comboio.*

As restantes quatro respostas consideradas erradas foram “indo mais depressa”, “a dormir”, “quando tem que parar” e “para trabalhar, passear”.

Na distribuição por línguas, o grupo chinês é o que revela mais dificuldades, com catorze dos vinte alunos a errarem a resposta à pergunta, logo seguido pelo grupo guzerate com treze. É de salientar que neste grupo as respostas erradas são sobretudo dos alunos do 4.º ano. Estes têm nove respostas erradas, ao passo que os do 6º têm apenas quatro. Nos grupos ucraniano e cabo-



verdiano existem sete alunos com resposta errada no conjunto dos dois anos de escolaridade. Por fim, o grupo português teve apenas dois alunos com respostas erradas, sendo que em ambos os casos se trata de alunos do 4.º ano.

As terceira e quarta perguntas trouxeram menos problemas, embora os alunos do 4.º ano tenham revelado também algumas dificuldades. Com efeito, catorze dos cinquenta alunos deste ano deram a resposta errada a estas perguntas, com destaque para os alunos de Mandarin, Guzerate e Ucrainiano. O mesmo não acontece com os alunos do 6.º ano: o número de respostas erradas às duas últimas perguntas é inferior – apenas quatro alunos responderam erradamente a cada uma destas perguntas.

Dos catorze alunos do 4.º ano que não responderam correctamente à terceira pergunta, “*Os caracóis estão a representar o quê?*”, seis mantiveram o silêncio e cinco disseram que não sabiam.

Dos três restantes, um aluno respondeu “ver um comboio”, outro disse simplesmente “andar” e outro respondeu “são ricos”. Quatro alunos do 6.º ano falharam nesta pergunta e todos deram respostas diferentes: “tá parado”; “CP”; “não sei” e “os caracóis estão a representar muito atrasado”

Quanto às respostas incorrectas à quarta pergunta, “*O que quer dizer andar a passo de caracol?*”, verificámos que dos alunos do 4.º ano, onze disseram não saber responder, e um não respondeu. Houve ainda um aluno que arriscou “arrastar” e, outro que respondeu “de carro”. Dos alunos do 6.º ano, três afirmaram não saber responder e um não respondeu.

Em relação à quarta pergunta é ainda importante referir um facto interessante: muitas vezes quando se perguntava aos alunos “*O que quer dizer andar a passo de caracol?*”, com a expressão “andar a passo de caracol” sem contexto, estes diziam que não sabiam ou simplesmente não respondiam. Mas quando se lhes perguntou algo como “e se eu disser: aquele menino anda a passo de caracol, ele anda como?”, pondo assim a expressão em contexto, dezoito alunos deram a resposta esperada quase de imediato. Veja-se, por exemplo, a seguinte transcrição da resposta a esta pergunta de uma aluna ucraniana do 6.º ano:

<i>investigador:</i>	<i>E sabes o que é que quer dizer andar a passo de caracol?</i>
<i>aluna:</i>	<i>Não.</i>
<i>investigador:</i>	<i>Se eu disser o Fausto anda a passo de caracol?</i>
<i>aluna:</i>	<i>eh Eu acho que anda muito devagar.</i>

## Pequeno-almoço A

O vídeo *Pequeno-almoço A*, retirado da telenovela *Morangos com Açúcar*, consiste numa conversa entre três pessoas – uma criança (a Su) e dois adolescentes (o Rafa e a Catarina). O vocabulário usado é simples e a informação é clara e explícita. O texto é o seguinte:

**Rafa:** Bom dia.

**Su:** Bom dia, Rafa.

**Catarina:** Ó Rafa, o que é isto?

**Rafa:** Isto é o pequeno-almoço.

**Catarina:** Eu não disse para tu não saíres, tu ainda não tás bem, Rafa!

**Rafa:** Não tou bem? Olha para mim, tou ótimo.

**Su:** Posso comer, Rafa?

**Rafa:** Podes querida, espero que gostes muito do pequeno-almoço, tá bem?

**Su:** Olha, posso comer um bocadinho de tudo?

**Catarina:** Não.

**Rafa:** Não porquê? Não sejas cortes, Catarina. Desde que seja em poucas quantidades por que é que não? Come, come. Faça o favor, minha senhora.

**Catarina:** És tão querido, Rafa.

As perguntas feitas são de resposta imediata:

1. O que é que o rapaz esteve a fazer?
2. O que é que a menina mais pequena quer comer?
3. A irmã mais velha e o rapaz estão de acordo? O que é que eles acham?

O número de respostas erradas revelou que os alunos sentiram muitas dificuldades em responder à segunda pergunta. Veja-se o quadro:

Pequeno-almoço A, respostas erradas:

Perguntas	4.º Ano – 50 alunos						6.º Ano – 50 alunos						Total 4.º e 6.º
	PT	CV	UCR	GUZ	MAN	Total	PT	CV	UCR	GUZ	MAN	Total	
1. <sup>a</sup>	1	1	1	1	1	5	-	1	-	1	-	2	7
2. <sup>a</sup>	1	6	8	9	8	32	6	4	8	5	9	32	64
3. <sup>a</sup>	-	2	3	4	6	15	-	-	1	2	3	6	21

Total	2	9	12	14	15	52	6	5	9	8	12	40	92
-------	---	---	----	----	----	----	---	---	---	---	----	----	----

A primeira pergunta não trouxe dificuldades para os alunos. Nunca houve mais do que um aluno por língua e por ano de escolaridade a dar uma resposta errada.

No que diz respeito à segunda pergunta, os resultados são diferentes. A resposta esperada a esta pergunta era “um bocadinho de tudo” ou “de tudo”. Aceitámos também quando os alunos disseram “tudo” ou simplesmente “o pequeno-almoço”.

Houve um total de sessenta e quatro alunos que não responderam correctamente à pergunta. Destes, catorze disseram que não sabiam responder e nove simplesmente não responderam.

Dos alunos que deram respostas erradas, catorze responderam “iogurte”, dois disseram “iogurte e bolo” e um referiu apenas “bolo”. Houve ainda um aluno que disse “gelatina”, e outro, “doce”. Estas respostas parecem indicar que os alunos privilegiaram o que viam em detrimento do que ouviam. Na verdade, se atentarmos nas imagens poderemos observar que há, de facto, iogurtes em cima da mesa, e também umas caixas do que se supõe serem bolos.

Nas restantes respostas os alunos disseram palavras que se pareciam com a palavra “tudo”: seis alunos disseram “sudo”, mas houve também respostas como “suji”, “suxe”, “sido” ou “suto”. De todos os alunos que disseram palavras cuja sonoridade se aproximava da sonoridade da palavra “tudo” – e foram dezoito os alunos que o fizeram – apenas três disseram uma palavra que, de facto, existe em Português – “sumo”.

Houve ainda três alunos que responderam “chupa”, talvez ainda influenciados pelo primeiro vídeo que lhes mostrámos e um que disse “presunto”.

Na distribuição das respostas erradas por língua materna dos alunos verificámos que dezassete alunos chineses, dezasseis ucranianos, catorze guzerates, dez cabo-verdianos e sete portugueses não acertaram na resposta a esta pergunta.

Uma possível explicação para tão elevado número de respostas incorrectas é o facto de a palavra “tudo” ser pronunciada de forma muito rápida e de a qualidade de som do vídeo que foi mostrado aos alunos não ser a melhor. O som [t] é pronunciado de um modo que se assemelha a um [ts] ou mesmo [s]. Esta hipótese é confirmada pelo facto, já referido, de muitos dos alunos darem uma resposta onde usam uma palavra com uma sonoridade semelhante à da palavra “tudo”.

A terceira pergunta é, na verdade, composta por duas partes. Como resposta à primeira parte, “A irmã mais velha e o rapaz estão de acordo?”, esperávamos que os alunos respondessem “Não”; como resposta à segunda parte, “O que é que eles acham?”, esperávamos que respondessem “a menina acha que não, mas o menino diz que se não for em grandes quantidades não há problema”. Acabámos por aceitar como correctas as respostas em que os alunos registaram a opinião negativa da irmã e a positiva do rapaz.

Ainda assim, há vinte e uma respostas que não correspondem ao esperado, havendo, no entanto, uma diferença nítida entre os alunos do 4.º ano (15 respostas erradas) e os dos 6.º (6 respostas erradas). De salientar também o facto de todas as respostas erradas a esta pergunta serem dadas por alunos que não têm o Português como língua materna, com destaque para os grupos de alunos de origem chinesa e indiana.

### **Pequeno-almoço B (Morangos com Açúcar)**

O vídeo *Pequeno-almoço B* consiste numa conversa que surge na sequência do vídeo *Pequeno-almoço A*. A linguagem é simples de início, mas complica-se um pouco quando as personagens tentam reproduzir no seu discurso uma linguagem publicitária. O texto é o seguinte:

**Su:** *Tu podias fazer o pequeno-almoço pra nós todos os dias.*

**Rafa:** *Não me importava, se vocês quiserem.*

**Su:** *Tás a ver, mana. O Rafa não se importava.*

**Catarina:** *Pois, pois. Rafa, o seu primeiro estafeta de pequeno-almoço ao domicílio.*

**Rafa:** *Requisite os nossos serviços e o seu dia começará melhor.*

**Su:** *Comece o dia com alegria.*

**Catarina:** *Vá lá meninos despachem-se que nós ainda temos de ir buscar a Patrícia e o Dani, vá lá, comam.*

As perguntas que fizemos aos alunos foram:

1. O que é que a menina mais pequena quer que o Rafa faça?
2. O que é que ele respondeu?
3. O que é um estafeta?
4. Por que é que eles têm de se despachar?

A 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> perguntas são simples e directamente respondidas no texto do anúncio, pelo que era esperado que os alunos não demonstrassem grandes dificuldades. Por sua vez, a 3.<sup>a</sup> não está respondida directamente no texto, mas é importante para saber se os alunos compreenderam uma parte significativa do vídeo.

A distribuição do número de respostas erradas corresponde aproximadamente ao esperado:

Pequeno-almoço B, respostas erradas:

Perguntas	4.º Ano – 50 alunos						6.º Ano – 50 alunos						Total 4.º e 6.º
	PT	CV	UCR	GUZ	MAN	Total	PT	CV	UCR	GUZ	MAN	Total	
1. <sup>a</sup>	-	1	5	1	4	<b>11</b>	-	-	1	2	3	<b>6</b>	<b>17</b>
2. <sup>a</sup>	-	-	-	1	1	<b>2</b>	-	-	1	1	3	<b>5</b>	<b>7</b>
3. <sup>a</sup>	9	10	10	10	10	<b>49</b>	2	9	10	10	10	<b>41</b>	<b>90</b>
4. <sup>a</sup>	-	-	2	1	3	<b>6</b>	-	1	1	2	4	<b>8</b>	<b>14</b>
Total	<b>9</b>	<b>11</b>	<b>17</b>	<b>13</b>	<b>18</b>	<b>68</b>	<b>2</b>	<b>10</b>	<b>13</b>	<b>15</b>	<b>20</b>	<b>60</b>	<b>128</b>

Como se pode ver, a resposta à terceira pergunta foi a que levantou maiores dificuldades, com noventa resposta erradas.

Dos alunos que não têm Português como língua materna, houve apenas um cabo-verdiano que respondeu correctamente. Os alunos portugueses têm resultados díspares quando se compara os grupos por ano de escolaridade: nove alunos do 4.º ano respondem erradamente contra apenas dois do 6.º ano.

Quanto aos noventa alunos com respostas erradas, verificámos que cerca de 83% não arrisca uma resposta: cinquenta e nove alunos disseram não saber responder à pergunta e dezasseis ficam em silêncio. Dos que tentaram responder, dez deram a definição da modalidade desportiva, que, apesar de ser uma definição correcta de estafeta, não era a esperada dado o contexto em que a palavra aparece no vídeo. As respostas restantes foram “é o pequeno-almoço” (2), “estafeta é tipo uma ordem, como por exemplo a gente primeiro faz aquilo depois segundo faz o outro” (1) “é aquele que ficam ao balcão” (1).

A pergunta *O que é um estafeta?* apela sobretudo ao conhecimento lexical dos alunos. Para responderem correctamente terão de conhecer o significado da palavra. Se não o souberem, não percebem o vídeo que lhes foi mostrado. Se repararmos no texto do vídeo verificamos que há duas linguagens diferentes. Na sequência da conversa, a Catarina começa a usar um registo que tenta imitar um texto de publicidade, no que é imediatamente coadjuvada pelas outras duas personagens:

**Catarina:** *Pois, pois. Rafa, o seu primeiro estafeta de pequeno-almoço ao domicílio.*

**Rafa:** *Requisite os nossos serviços e o seu dia começará melhor.*

**Su:** *Comece o dia com alegria.*

Os termos usados passam da linguagem trivial, que as crianças estão habituadas a ouvir e a utilizar, para uma linguagem mais “comercial” e “adulta”, onde se descreve a prestação de um serviço usando palavras como “estafeta”, “domicílio” ou “requisite”. Não será de estranhar, pois, que muitas crianças, mesmo as que têm Português como língua materna, sintam dificuldades em compreender esta parte do texto. Trata-se, assim, de um problema de conhecimento das palavras. Os resultados dos alunos portugueses parecem sugerir que esta palavra faz parte de um tipo de discurso dirigido a pessoas com idade superior.

A primeira pergunta, “O que é que a menina mais pequena quer que o Rafa faça?”, tinha como resposta esperada “o pequeno-almoço todos os dias” . Houve apenas dezassete alunos com respostas que não corresponderam ao esperado. Mais de metade, dez, responderam uma refeição diferente: nove alunos disseram “almoço” e um referiu “lanche”. Além destes, três alunos mantiveram o silêncio e dois responderam que não sabiam.

Quanto à segunda pergunta, “O que é que ele respondeu?”, verificámos que os alunos não sentiram grande dificuldade na resposta. Aceitámos como correctas as respostas que dissessem que ele respondeu afirmativamente. Dos sete alunos que não responderam conforme o esperado, quatro afirmaram não saber a resposta e três simplesmente não responderam.

Por sua vez, a quarta pergunta “Por que é que eles têm de se despachar” tinha como resposta esperada “Porque têm de ir buscar a Patrícia e o Dani”. Aceitámos como certas as respostas “Porque tinham de ir buscar dois amigos” ou similares. Catorze deram respostas incorrectas. Dos seis alunos do 4.º ano, cinco não responderam e um disse não se lembrar. Dos oito alunos do 6.º ano cuja resposta não foi considerada correcta, quatro afirmaram não saber responder, três responderam que “tinham de ir para a escola” – que embora pareça ser verdade quando vemos o vídeo, não é a razão pela qual eles têm de se despachar – e um disse que “iam buscar a irmã”. De referir que, também aqui, o investigador foi obrigado a reformular a pergunta para que alguns dos alunos a pudessem entender. Neste caso a palavra que teve de ser parafraseada foi “despachar”.

Na distribuição por línguas maternas dos alunos, verificámos que as maiores dificuldades a responder à primeira, segunda e quarta perguntas foram sentidas pelos alunos de origem

chinesa, guzerate e ucraniana (por esta ordem). Os alunos de origem cabo-verdiana tiveram apenas duas respostas erradas no conjunto destas três perguntas e os alunos portugueses não tiveram quaisquer problemas.

## Conclusões

Comparado o número de respostas erradas dos diferentes grupos de línguas estudados, tornou-se evidente que existe uma diferença entre o grupo de alunos que têm o Português como língua materna e os grupos que têm uma outra língua materna. Porém, o comportamento dos grupos de Português língua não materna não é homogéneo. Como vimos há diferenças substanciais entre eles que devem ser levadas em conta.

No que respeita às perguntas, os alunos mostraram não conseguir responder sobretudo a três perguntas de três vídeos diferentes:

1. O que é um estafeta? – do vídeo *Pequeno-almoço B*
2. O que é que a menina mais pequena quer comer? – do vídeo *Pequeno-almoço A*
3. Como é que os portugueses poderiam aproveitar melhor o seu tempo? – do vídeo *Anúncio da CP*

Com efeito, a soma das respostas incorrectas a estas três perguntas representa 58,3% do total de respostas incorrectas.

As razões para que estas tenham sido as perguntas que causaram mais dificuldades são bem diferentes. Em relação à pergunta “O que é um estafeta?” trata-se sobretudo de um problema de conhecimento lexical. A palavra *estafeta* é uma palavra relativamente pouco frequente entre os alunos da faixa etária que estamos a estudar. Assim, mesmo descodificando o sinal auditivo, os alunos têm dificuldade em aceder ao significado da palavra. Desta forma, é normal que a sua resposta seja o silêncio ou um singelo “não sei”. Por outro lado, para além do conhecimento linguístico, o aluno deve mobilizar outros tipos de conhecimento para melhor interpretar a informação compreendida. A falta destes outros conhecimentos levou a que alguns dos alunos dessem como definição de estafeta a prova desportiva em vez de a pessoa que faz entregas.

Mas os problemas de ordem lexical não se verificaram apenas nesta questão. Outras ocasiões houve em que alguns alunos não compreenderam as perguntas por causa do vocabulário usado. Vimos por exemplo as perguntas “Qual é o recheio?”, do Anúncio da *Chupa Chups*, e “Como é

que os portugueses podiam aproveitar melhor o seu tempo?”, do Anúncio da CP, em que as palavras “recheio” e “aproveitar” tiveram, por vezes, de ser parafraseadas.

A dificuldade de resposta à pergunta “O que é que a menina mais pequena quer comer?”, que tinha como resposta “um bocadinho de tudo” advém da qualidade (fraca) do sinal auditivo, que, não só por problemas relacionados com a gravação, mas também por questões que têm a ver com a dicção e velocidade de elocução da pessoa que produz a palavra “tudo” (que seria a palavra-chave para uma resposta correcta à pergunta), gera problemas de compreensão para a pessoa que ouve. Estes problemas foram claros mesmo em alunos de origem portuguesa, e não é de estranhar que fossem ainda mais evidentes em alunos cuja língua materna é diferente.

No que respeita à pergunta “Como é que os portugueses poderiam aproveitar melhor o seu tempo?” a dificuldade parece residir no facto de a resposta não estar dada explicitamente no texto falado, mas necessitar de uma inferência que associe as frases: “Não acha que podia aproveitar melhor o seu tempo?” e “CP, nós damos-lhe tempo.” A este facto acresce a dificuldade mostrada por alguns alunos em entender a palavra “aproveitar”.

Assim, o professor deverá nas suas aulas ter em atenção todos estes pequenos factores que poderão levar o aluno com uma língua materna diferente do Português a não compreender o discurso falado. O ouvir é o primeiro e principal meio de contacto de qualquer falante com a língua. É por isso necessário que aquilo que ouve seja claro, quer do ponto de vista do sinal auditivo quer do ponto de vista semântico.



## **Bibliografia**

- Delgado-Martins, Maria Raquel & Hugo Gil Ferreira (2006) *Português Corrente. Estilos do Português no Ensino Secundário*. Lisboa: Caminho.
- Gonçalves, Perpétua e Maria João Diniz (2004). *Português no Ensino Primário: Estratégias e Exercícios*. Maputo: Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação.
- Gouveia, Adelina e Luisa Solla (2004). *Português Língua do País de Acolhimento – Educação Intercultural*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.
- Sim-Sim, Inês, Inês Duarte e Maria José Ferraz (1997). *A Língua materna na Educação Básica – Competências Nucleares e Níveis de Desempenho*. Lisboa: DEB / ME.
- Solla, Luísa (1996). *Actividades para o Desenvolvimento da Oralidade*. Setúbal: Escola Superior de educação / CEDE.

## **Ficha Técnica**

- Nuno Carvalho